



## VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

---

ÁREA TEMÁTICA: Cidades, Campos e Territórios [AT]

---

#### **OS ESTUDANTES ERASMUS E OS PROCESSOS DE REVALORIZAÇÃO, TEMATIZAÇÃO E PATRIMONIALIZAÇÃO URBANA EM LISBOA.**

---

MALET CALVO, Daniel

Doutor em Antropologia Urbana

CIES (Centro de Investigação e Estudos de Sociologia) - ISCTE-IUL (Instituto Universitário de Lisboa)

[daniel.malet@iscte.pt](mailto:daniel.malet@iscte.pt)

---



#### Resumo

Nesta comunicação vou apresentar os primeiros resultados do projeto: “Agentes transnacionais nos processos de patrimonialização da cidade: o caso do programa Erasmus em Lisboa”, que tenta estabelecer a relação entre a mobilidade estudantil organizada pelo programa europeu Erasmus, com as variadas dinâmicas e processos urbanos que tem lugar na cidade. Sabemos que as mobilidades migratórias, ociosas, laborais e estudantis constituem-se como processos de produção do espaço da cidade, num contexto de sociabilidade cosmopolita. Os estudantes de intercâmbio são actores particulares e diferenciados no contexto lisboeta, mas até que ponto a sua presença é relevante nas operações de transição urbanística e nos processos de patrimonialização que acontecem na cidade? Os estudantes estrangeiros são atores sociais incontornáveis no contexto das dinâmicas de produção da identidade do lugar, estão envolvidos nos discursos e nas práticas da sociabilidade urbana, e nos processos de capitalização socioespacial associados.

#### Abstract

In the hereby communication the first outcomes of the project “Transnational agents in the city’s heritagization processes: the case study of Erasmus Programme in Lisbon” will be presented. The project aims to establish the relations between the student mobility organized by the Erasmus Programme and the broad variety of urban processes and social dynamics taking place in Lisbon. Is it well known that migratory, leisure, academic and work-related mobilities lead to several processes of urban space production, in a cosmopolitan sociability environment. Exchange students are characteristic actors in Lisbon’s contexts but to what extent are they relevant in the transition of urban operations and in heritagization processes taking place in the city? Foreign students could not be ignored as social actors in place production dynamics; they are involved in the discourses and the practices of urban sociability and in the associated processes of sociospatial capitalization.

Palavras-chave: Estudantes Internacionais; Lisboa; Programa Erasmus; Processos Urbanos; Sociabilidade Cosmopolita.

Keywords: International Students; Lisbon; Erasmus Programme; Urban Processes; Cosmopolitan Sociability.



## 1. Introdução ao objecto de estudo

Como é bem conhecido os “Erasmus” são estudantes de ensino superior que protagonizam uma mobilidade estudantil de média duração (entre 5 e 12 meses) no interior de uma área cultural relativamente homogénea: os 28 Estados Membros da União Europeia mais a antiga Jugoslávia, República de Macedónia, Islândia, Lichtenstein, Noruega, Suíça e Turquia (European Commission, 2011). A estadia é realizada numa universidade estrangeira mediante um acordo bilateral entre faculdades que tem como pano de fundo um programa de equivalências de créditos e de ajudas financeiras da União Europeia.

Mas esta investigação pretende conhecer os marcos da experiência transnacional de deslocamento e de estadia dos estudantes internacionais, assim como a sua relação com alguns processos urbanos em Lisboa, nomeadamente a transformação dos bairros e a reprodução das imagens turístico-patrimoniais da cidade. Assim, os atores sociais relevantes vão além dos estudantes do programa Erasmus, sendo necessária a posse de três características: 1. ser estrangeiros temporalmente deslocados em Lisboa; 2. encontrar-se numa situação de “estudo” ou “estágio”; 3. pertencer a uma faixa etária entre os 20 e os 30 anos participando de modalidades juvenis de identificação e distinção. São do nosso interesse então os Erasmus (em Lisboa, a grande maioria dos estudantes internacionais) e os alunos de outros países que partilham com os Erasmus, no território urbano, subjectividades, estilos de vida, formas de socialização e padrões de consumo que poderíamos considerar juvenis.

A investigação foi concebida como um cruzamento entre a antropologia do turismo em contextos urbanos e a geografia das migrações, com o objectivo de perceber a relação entre as mobilidades jovens transnacionais e os processos de transformação que tem lugar nas cidades visitadas. Assim, foi realizada uma primeira exploração etnográfica em vários e diversificados contextos com uma forte presença de estudantes internacionais: faculdades, festas, casas, bairros. Foram realizadas 25 entrevistas a estudantes e examinados até 4 estudos de caso na quotidianidade dos seus contextos particulares em Lisboa. Tratava-se de conhecer as “culturas *erasmus*” na cidade, no sentido das suas participações diferenciadas na urdidura das sociabilidades e dos processos gerais onde os estudantes se encontram. O objectivo final era estabelecer os diferentes níveis (e contextos) de influência, participação ou envolvimento dos estudantes nos processos de transformação urbanística e promoção patrimonial em Lisboa.

## 2. O marco institucional da mobilidade estudantil

É preciso entender que a mobilidade de jovens estudantes forma parte dum conjunto de políticas de internacionalização da educação superior empreendidas pelos diferentes organismos nacionais (e pelo capital privado) na ambição de satisfazer uma demanda mundial muito rentável (Teichler, 2009). Durante as últimas quatro décadas no caso europeu foram implementadas uma série de políticas visando a integração dos diferentes sistemas nacionais de ensino superior para facilitar as equivalências académicas e a mobilidade entre países. A agenda oculta destas iniciativas é bem visível na extraordinária inversão económica do capital privado em “produtos” educativos, assim como a grande pressão dos *lobbies* presentes na Comissão Europeia, sobre os Estados da União (Batory y Lindstrom, 2011). A educação superior foi objecto duma mercantilização generalizada que está a acabar com a visão universalista do direito a educação tanto na frente do seu aceso (privatização, aumento de propinas, elitização) como na sua separação do mundo do trabalho: o novo ênfase do capitalismo nas “competências transversais”, “nas experiências de aprendizagem” ou nas “*soft skills*” condenam aquela velha separação entre conhecimento e produtividade (Pinho, 2002).

As instituições públicas nacionais, o sector educativo privado e os variados parceiros económicos estão a protagonizar uma perigosa carreira para dominar a imensa demanda de ensino (Bienefeld y Almqvist, 2004; Altbach y Knight, 2007). Neste marco de competitividade as diferentes instituições tratam de posicionar-se no mercado oferecendo programas inovadores e produtos de todo tipo (Kehm y Teichler, 2007): *Franchise* universitário, campus deslocalizados, educação a distância, preponderância do inglês, *summer schools* ou programas de intercâmbio como o Erasmus. A Comissão Europeia considera a educação como uma componente da economia europeia, numa estratégia que visa converter a União Europeia na primeira economia mundial baseada no conhecimento (Kuhn, 2012).

Mas a mobilidade estudantil transnacional representa uma parte ínfima deste negócio dos estudos superiores: os protagonistas da mobilidade neste sector são um 2% de total anual mundial de alunos de educação superior, ou seja, uma minoria dentro daquela minoria que consegue entrar na universidade. Por isso é que alguns autores falam sobre os estudantes internacionais como uma “elite migratória” (Musgrove, 1963). No caso Europeu é ainda uma proporção mais baixa: só o 1% dos estudantes universitários realiza anualmente um Erasmus, uma cifra muito baixa que parece reflectir ao mesmo tempo duas realidades: 1. A ausência neste 1% daquelas mobilidades mais elitistas realizadas fora do âmbito do programa (nomeadamente para Estados Unidos ou outros países anglo-saxónicos, com ou sem bolsa); 2. A baixa quantidade no número de ajudas financeiras e a pouca profundidade da sua influência sobre o total da população estudantil universitária, talvez pelas baixas dotações económicas que obrigam quase sempre aos alunos a disponibilizar de ajuda familiar ou de poupanças próprias (Endrizzi, 2010).

### **3. O perfil dos estudantes internacionais**

A maior parte dos estudos sobre estudantes internacionais e Erasmus tratam os alunos como indicadores do êxito ou das dificuldades de implementação das políticas institucionais e das iniciativas de internacionalização da educação superior. Os estudantes são reduzidos a objectos passivos numa literatura profundamente quantitativista e nada preocupada pela dimensão narrativa ou experiencial do deslocamento e da estadia. Aqui tratamos os estudantes Erasmus (e internacionais em geral) como 1. Agentes sociais protagonistas dum movimento transnacional que se encontra entre a migração e o turismo; 2. Actores pertencentes a(s) cultura(s) da mobilidade juvenil inseridos em contextos urbanos europeus; 3. Produtores, distribuidores e consumidores de determinadas modalidades de distinção e subjectividade dentro destes contextos; e 4. Participantes activos nos processos urbanos concomitantes ao desenvolvimento capitalista das cidades europeias. Assim, a literatura mais próxima à dimensão social e humana do deslocamento juvenil são os estudos sobre “mobilidade estudantil” ou “migração estudantil” dentro das disciplinas geográficas que tratam das migrações (Raghuram, 2013). Nela encontramos uma surpreendente variabilidade nas experiências subjectivas associadas ao deslocamento geográfico: decisão de partida, chegada ao novo espaço, reconhecimento progressivo do contexto linguístico e cultural, estabelecimento de novas sociabilidades, adaptações e negociações variadas no destino. Este processo faz dos estudantes um tipo de “estrangeiros” (Murphy-Lejeune, 2002) que se encontram ainda quebrando as fronteiras tradicionais entre estudo e trabalho, migração e turismo, produção e consumo (Rice, 2010). Os modelos migratórios dos estudantes então apresentam uma grande heterogeneidade nas suas trajectórias de mobilidade transnacional: militância política, empreendimento económico, procura de estabelecimento definitivo (King & Raghuram, 2013).

Mas, em função dos seus perfis e do seu reduzido número, podemos considerar que a generalidade dos estudantes internacionais são atores sociais pertencentes a uma certa elite nos seus países de origem (Waters y Brooks, 2011) ainda que haja alguma discussão sobre isso, nomeadamente no caso dos Erasmus, a causa da relativa extensão das ajudas, da proximidade dos destinos, e do perfil socioeconómico diferenciado que mostram as estatísticas (Di Pietro y Page, 2008; Souto-Otero, 2008). Para perceber as diferenças entre os perfis de alunos internacionais é preciso resgatar a literatura chamada “motivacional” ou os factores “Pull and Push”, aplicados desde os estudos das migrações para explicar as restrições e as motivações que conduzem até a mobilidade estudantil. Entre as principais motivações declaradas encontramos por um lado a inversão económica em educação, baseada na aquisição das habilidades ou prestígio derivado da estadia (Rodríguez González et al., 2010). Pensemos nas elites internacionais ou nas classes médias-altas dos países emergentes que viajam para graduar-se numa universidade prestigiosa dos EUA ou da Europa, ou que querem consolidar o inglês. E ainda nas classes médias e até médias-baixas que com um grande esforço económico fazem uma inversão na educação e na mobilidade dos filhos numa clara vontade de ascensão social.

Doutro lado temos as razões recreativas, muito habituais na mobilidade Erasmus (King y Ruiz-Gelices, 2003; Van Mol, 2013), que apresentam uma mistura motivacional de educação, lazer, viagem e experiência vital que leva alguns autores a falar de “turismo académico” (Rodríguez, *et al.*, 2012; LlewellynSmith y McCabe, 2008): é verdade que muitos estudantes escolhem o seu destino mais pelas atracções da cidade ou

do país que visitam do que pelo centro de ensino que vão frequentar. Neste sentido existe um perfil recreativo bastante repetido no caso do Erasmus: aqueles jovens de elite criados em “famílias cosmopolitas” onde foi-lhes transmitido o prazer de viajar, o gosto por falar línguas estrangeiras, e uma atitude de interesse, abertura e tolerância perante as “diferencias culturais”. As viagens de descobrimento por parte de jovens duma determinada elite europeia lembram inevitavelmente as viagens do *Grand Tour*, quando os jovens aristocratas e burgueses (sobretudo ingleses) realizavam estadias para visitar o legado cultural das cidades europeias. Os jovens adicionalmente afastavam-se do controle social e familiar e das constricções de classe numa viagem marcada principalmente pelas experiências sentimentais (Brodsky-Porges, 1981).

A oscilação entre os perfis socioeconómicos que representam os estudantes internacionais (classes médias-baixas a investir no futuro do filho vs. Elites com filhos educados na mais alta distinção e gosto cultural) está ainda atravessada -no caso dos Erasmus- pelos padrões que encontramos na escolha dos destinos (segundo procedências). Os perfis socioeconómicos e motivacionais diferenciados estão determinados também pela proximidade (ou pela distância) regional, linguística ou cultural entre alguns países, assim como pela diferencia no nível económico: não é a mesma coisa para um Erasmus espanhol (nem pelo esforço económico da sua família) ir para Londres do que ir para Lisboa.

Seja qual seja o modelo os estudantes internacionais nas cidades Europeias são consumidores duma experiência de viagem juvenil, condicionado sobretudo pela própria organização do lazer preponderante tanto nas economias locais (turístico, vida nocturna) como nas culturas juvenis globais. Disto resulta quase sempre que por cima das experiências académicas destaquem as vitais, as actividades recreativas e culturais, a apreciação turística dos lugares, e o desfrute da independência longe do controlo familiar -muitas vezes por primeira vez nas vidas destes jovens. Mas na bibliografia internacional não há nada sobre os contextos de socialização e consumo dos Erasmus nas cidades onde residem, só narrativas descontextualizadas dos “porque” da mobilidade estudantil, mas não dos “como” em tanto que processos sociais onde se cruzam atores, discursos, instituições e território. A propósito do território é evidente que os estudantes representam um impacto crescente nas transformações urbanas e na mercantilização do espaço. Até foi derivada da literatura da “*gentrification*” a conceito “*studentification*” para fazer referência às dinâmicas de substituição de população em áreas com uma presença significativa de estudantes (Smith, 2005).

#### **4. Os Erasmus em Lisboa: quatro perfis**

No sentido do território é possível estabelecer algum padrão generalizador em Lisboa: espanhóis e italianos (que juntos representam o 70% dos Erasmus em Lisboa) preferem viver nos bairros antigos e típicos do centro (Alfama, Graça, Mouraria, Bica, Bairro Alto, Santos) ou no eixo Avenida Almirante Reis, em quartos baratos ainda que não tenham muitas boas condições. Para eles a centralidade em relação às actividades e aos ambientes urbanos da cidade é muito importante. Doutro lado os centro-europeus (alemães e polacos representam o outro 30% restante dos Erasmus em Lisboa) moram preferencialmente perto das suas faculdades, em residências ou na zona das Avenidas Novas, em casas renovadas e cómodas ainda que sejam um pouco mais caras. Isto poderia resultar daquela estratégia de que falamos anteriormente: a maior proximidade regional, cultural e linguística, menor inversão económica. Mas este padrão não expressa só alguns casos de capacidade económica diferencial entre grupos nacionais ou entre relações migratórias regionais. Esta diferenciação expressa sobretudo as modalidades de distinção e estilos de vida escolhidos pelos estudantes na sua inscrição territorial: a exigência pessoal sobre o habitat ou o entorno residencial mostra uma forte relação entre procura de habitação e procura de vivências subjectivas, entre capitalização socioespacial e consumo do lugar. A eleição duma área onde viver é um aspecto chave da construção da experiência da mobilidade como um período para “espacializar” as expectativas, os desejos e o quotidiano dos jovens (Caulfield, 1989). Vamos a oferecer alguns exemplos desta relação entre o território urbano e a inscrição subjectiva dos estudantes internacionais apresentando quatro perfis diferenciados pela forma de viver e consumir na cidade.

Por um lado existe em Lisboa um processo de homogeneização da experiência dos estudantes internacionais centrado “espacialmente” e “emocionalmente” no Bairro Alto e outras zonas festivas da cidade, como o Cais do Sodré, Santos ou as Docas. Una serie de atores institucionais e económicos com muita presença nos

contextos dos estudantes (universidades, associações para Erasmus, indústria turística, sector do lazer) controlam os primeiros dias dos estudantes na cidade, organizando o seu quotidiano e orientando as suas primeiras decisões. Estamos a falar das “Welcome Parties” ou das “Orientation Weeks” organizadas pelas faculdades ou pelas associações locais de estudantes, das primeiras festas organizadas pelo sector do lazer onde todos os Erasmus se encontram, ou do acesso à habitação mediante a frequência de websites e redes sociais controladas também por estes actores sociais determinados. Destacam as 5 entidades para Erasmus em Lisboa (Erasmus Lisboa, Erasmus Life Lisbon, Erasmus Students Network, Erasmus Organization Lisboa, Reset Lisbon), que organizam diariamente actividades, jantares, festas, viagens, descontos e eventos de tudo tipo, dirigidos a estudantes internacionais e centrados no lazer nocturno (mas também com os “Surf Days” e as viagens como actividades de sucesso). A escala reduzida da cidade e a capacidade de mobilização destas organizações para difundir o “onde” e o “quando” no consumo de lazer urbano, facilita uma endogamia social intensa entre os Erasmus, que em poucos dias multiplicam exponencialmente os amigos e conhecidos, num ambiente que facilita e promove a sociabilização massiva entre estudantes internacionais. É o chamado “Erasmus *cocoon*” para alguns autores (Papatsiba, 2006). As suas práticas e narrativas coincidem no ideal da construção da juventude como um momento para “divertir-se”, “conhecer pessoas” e, paradoxalmente, para descobrir a sua capacidade para “estar sozinho” longe do seu contexto habitual.

Porém, os processos de distinção e construção de subjectividades, o universo estético das culturas juvenis e as demarcações culturais, nacionais ou de classe produzem tendências diferenciadas na organização do tempo de lazer, no quotidiano e nos modelos de consumo, sociabilidade e urbanidade entre os Erasmus. Assim, uma serie de indivíduos e grupos constroem a especificidade das suas biografias em Lisboa mediante modos de incorporação caracterizados por um desinteresse (quando não um menosprezo) pelos circuitos predeterminados para Erasmus. Estes estudantes, os seus grupos de afinidade e as suas tendências de consumo poderiam ser chamadas “alternativas” porque baseiam a sua identidade numa premissa muito simples: “Eu não sou o típico Erasmus (ou não só)”. Poderíamos descrever pelo menos três grupos segundo as suas modalidades de distinção e consumo no seu intento de diferenciação respeito dos Erasmus *mainstream*.

Os “Erasmus *neo-bohemios*”, situam-se em actividades e contextos longe do que consideram a “vulgaridade” festiva e a socialização “massificada” dos outros Erasmus, achando preferíveis as amizades com jovens locais ou com Erasmus de sensibilidades parecidas. O seu gosto pela fotografia, a dança, o artesanato e o ritmo de vida contemplativo e reflexivo leva-os a identificar este estilo de vida *new-age* com a fascinação que sentem pelos bairros antigos de Lisboa (onde geralmente moram). Nas suas narrativas estes jovens idealizam o contacto com a “Lisboa real” que acham protagonizar, numa obsessão por diferenciar-se tanto dos Erasmus *mainstream* como sobretudo do consumo irresponsável e ignorante dos turistas (Malet Calvo, 2013). Finalmente, a maioria das suas amizades locais apresentam formas de distinção e gostos estéticos que pertencem a uma cultura global “*neo-bohemia*” como eles próprios.

Os “Erasmus politizados” frequentam espaços de militância (cooperativas de consumo, assembleias) participando das protestas e manifestações dos movimentos sociais locais. Gostam de frequentar o eixo Almirante Reis e a Mouraria onde identificam a sua luta contra as desigualdades num contexto urbano multicultural. Não rejeitam as dinâmicas festivas mas priorizam amizades e actividades de tipo político, também com uma preferência pelo elemento local: contextos e pessoas marcadas pelas lutas globais anti-capitalistas e os movimentos da esquerda internacional. Italianos e sobretudo espanhóis destacam neste grupo, onde é mais estranho encontrar Erasmus centro-europeus.

Os “Erasmus estudantes” são aqueles mais aplicados ao estudo, amantes das viagens (as realizam muitos fins de semana em substituição da festa e das ressacas *mainstream*), as visitas aos museus, as saídas culturais e o desporto. Centram-se muito no estudo e recolhem-se habitualmente na sua morada, geralmente residências ou casas mais bem tranquilas, preferivelmente longo do centro. Não frequentam muito as festas (sem ser completamente alheios a elas) mas participam de muitas actividades de dia organizadas para Erasmus. Neste grupo encontramos muitos estudantes internacionais fora do âmbito do programa Erasmus e com outras procedências não europeias que, seja por serem um pouco maiores em idade seja pelo distância



cultural ou pela pressão acadêmica, não participam das modalidades *mainstream* nem das distinções globais próprias dos Erasmus.

Obviamente esta tipologia serve só para explicitar contextos de consumo e distinção urbana onde os Erasmus transitam (muitas vezes com os jovens locais) e que respondem a trajetórias vitais dos estudantes estrangeiros que muitas vezes mudam varias vezes durante a sua estadia. Trata-se de sociabilidades cosmopolitas (Glick-Schiller *et al.*, 2011) determinadas pelas modalidades de distinção transnacional que os estudantes exibem na sua inscrição local, e que acham uma reverberação mais ou menos esperada nos jovens locais.

Para concluir podemos dizer que os Erasmus (na sua frequência de lugares, no seu consumo intensivo de sectores, no seu trânsito pelas organizações locais) são uma população urbana que intervém sazonalmente nas estruturas económicas e relacionais da cidade, facilitando alguns processos socioespaciais: fortalecimento do lazer nocturno nas áreas festivas, aumento dos alugueres resultante da divisão das casas em quartos para estudantes, consumo turístico derivado das visitas de amigos e familiares, aparição de residências para estudantes nalguns bairros com vontade institucional de nobilitação (como está a acontecer na Mouraria), etc. Mas os Erasmus não intervém só nestes conhecidos processos de transformação urbanística, as suas formas de inclusão socioespacial no contexto urbano -mediante estratégias de distinção variadas- é aproveitada por alguns atores sociais para gerar valor nas dinâmicas de mercantilização do espaço urbano. Instituições públicas, indústria turística, sector do lazer, pequenos empreendedores olham para os gostos e as práticas de distinção das populações estrangeiras (Erasmus ou turistas “alternativos”), porquê eles identificam as potencialidades do lugar, atribuem sentidos inovadores ao território, inspirando novas tendências de consumo (ou de resistência ao consumo) dentro da experiência turística urbana.

## Referências Bibliográficas

- Altbach, Philip G. e Knight, Jane (2007). The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities, *Journal of Studies in International Education*, 11(3/4), 290-305.
- Batory, Agnes e Lindstrom, Nicole (2011). The Power of the Purse: Supranational Entrepreneurship, Financial Incentives, and European Higher Education Policy”, *Governance: An International Journal of Policy, Administration, and Institutions*, Vol. 24, No. 2, 311–329.
- Bienefeld, Stefan e Almqvist, Johan (2004). Student life and the roles of students In Europe, *European Journal of Education*, 39 (4): 429-441.
- Brodsky-Porges, Edward (1981). The Grand Tour: travel as an educational device, 1600-1800, *Annals of Tourism Research*, 8 (2): 171-186.
- Caulfield, Jon (1989). 'Gentrification' and desire, *Canadian Review of Sociology*, 26(4), 617-632.
- Di Pietro, Giorgio e Page, Lionel (2008). Who Studies Abroad? Evidence from France and Italy, *European Journal of Education*, Vol. 43, No. 3, 389-398.
- European Comission (2011). *Erasmus: Facts, Figures and Trends. The European Union Support for Student and Staff Exchanges and University Cooperation in 2009 / 2010*. Luxemburgo: Publications Office of the European Union.
- Glick Schiller, Nina; Darieva, Tsypylma; Gruner-Domic, Sandra (2011). Defining cosmopolitan sociability in a transnational age. An introduction, *Ethnic and Racial Studies*, 34:3, 399-418.
- Kehm, Barbara M. e Teichler, Ulrich (2007). Research on Internationalisation In Higher Education, *Journal of Studies in International Education*, Vol. 11 (3/4), 260-273.
- King, Russell e Raghuram, Parvati (2013). International Student Migration: Mapping the Field and New Research Agendas, *Population, Space and Place*, 19, 127–137.

- King, Russell e Ruiz-Gelices, Enric (2003). International Student Migration and the European 'Year Abroad': Effects on European Identity and Subsequent Migration Behaviour, *International Journal of Population Geography*, 9 (3), 229-252.
- Kuhn, Theresa (2012). Why Educational Exchange Programmes Miss Their Mark: Cross-Border Mobility, Education and European Identity, *JCMS- Journal of Common Market Studies*, Volume 50, Number 6, 994-1010
- Llewellyn-Smith, Catherine e McCabe, Vivienne S. (2008). What is the attraction for exchange students: the host destination or host university? Empirical evidence from a study of an Australian university, *International Journal of Tourism Research*, 10 (6): 593-607.
- Malet Calvo, Daniel (2013). Procesos de revalorización patrimonial en el barrio de Alfama: el papel de los estudiantes Erasmus en la tematización de la ciudad, *Etnográfica*, vol. 17 (1), 31-50.
- Murphy-Lejeune, Elizabeth (2002). *Student Mobility and Narrative in Europe. The new strangers*. London & New York: Routledge Studies in Anthropology (Taylor & Francis).
- Musgrove, Frank (1963). *The Migratory Elite*, London: Heinemann.
- Papatsiba, Vassiliki (2006). Study Abroad and Experiences of Cultural Distance and Proximity: French Erasmus Students, In: Byram, M. y Weng, A. (eds.), *Languages for Intercultural Communication and Education, 12: Living and Studying Abroad, Research and Practice* (pp. 108-133). Clevedon: Multilingual Matters Ltd.
- Pinho, Maria de Fátima Duarte de Almeida (2002). *Mobilidade Transnacional e Competências Profissionais: Um Estudo de Caso com Alunos Envolvidos no Programa Socrates-Erasmus*, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (tese de mestrado).
- Raghuram, Parvati (2013). Theorising the Spaces of Student Migration, *Population, Space and Place*, 19, 138-154.
- Rice, Kathleen (2010). 'Working on holiday': relationships between tourism and work among young Canadians in Edinburgh, *Anthropology in Action*, 17 (1): 30-40.
- Rodríguez, Xosé A.; Martínez-Roget, Fidel; Pawlowska, Ewa (2012). Academic tourism demand in Galicia, Spain, *Tourism Management*, 33, 1583-1590.
- Rodríguez González, Carlos; Bustillo Mesanza, Ricardo; Mariel, Petr (2010). The determinants of international student mobility flows: an empirical study on the Erasmus programme, *Higher Education*, 62:413-430.
- Smith, Darren P. (2005). 'Studentification': the gentrification factory? In Atkinson, R. y Bridge, G. (orgs.), *Gentrification in a Global Context: The New Urban Colonialism*. Londres y Nueva York: Routledge, 72-89.
- Souto-Otero, Manuel (2008). The socio-economic background of Erasmus students: a trend towards wider inclusion?, *International Review of Education*, 54 (2): 135-154.
- Teichler, Ulrich (2009). Internationalisation of higher education: European experiences, *Asia Pacific Education Review*, 10 (1): 93-106.
- Van Mol, Christof (2013). Intra-European Student Mobility and European Identity: A Successful Marriage?, *Population, Space and Place*, 19, 209-222.
- Waters, Johanna e Brooks, Rachel (2011). 'Vive la Différence?': The 'International' Experiences of UK Students Overseas, *Population, Space and Place*, 17, 567-578.